
Representation of people with disabilities in cinema

Representação de pessoas com deficiência no cinema

Received: 2023-09-10 | Accepted: 2023-10-15 | Published: 2023-10-20

Nathaly Batista

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-8326-1696>
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
E-mail: nathaly.batista@ufms.br

Daniela Cristina Barros de Souza Marcato

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9039-9881>
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil
E-mail: daniela.marcato@ufms.br

ABSTRACT

This article aimed to discuss the representativeness of people with disability in cinema, presenting the representations already presents and discuss about how the promoted meanings impact the social imaginary and also school and a social inclusion. Was made a qualitative study, with exploratory nature, carried out through selection and analysis of movies that have characters with disability in your plot. Throughout the study, we chose to discover cinematic works that express good representation. For research object the work Forrest Gump (1994) was considered, a film that has in its story a character with na intellectual disability and which was selected because it allows a deeper analysis of a positive representation. The study demonstrated how the cinema lacks positive representations of this social group, being mostly composed of caricatured and stereotyped interpretations, having his character construction almost entirely summarized by his disability.

Keywords: Deficiency; Representation; Cinema;

[Separadas por ponto e vírgula, começando cada uma em maiúscula, com no mínimo 3 e no máximo 5]

RESUMO

Este artigo teve como objetivo discutir a respeito da importância da representatividade das pessoas com deficiência no cinema, apresentando as representações já presentes e discutindo a respeito de como as significações promovidas por elas impactam no imaginário social e também para a inclusão social e escolar. Foi realizado um estudo qualitativo, de natureza exploratória, efetivado por meio de uma seleção e análise de filmes que possuem pessoas com deficiência na trama. Ao longo do estudo, optamos por descobrir obras que expressem uma boa representação. Para objeto de pesquisa foi considerada a obra Forrest Gump: O Contador de Histórias (1994), um filme que tem em sua história um personagem com deficiência intelectual e que foi selecionado por permitir uma análise mais profunda sobre uma representação positiva. O estudo demonstrou como o cinema carece de representações positivas sobre esse grupo social, sendo em sua maioria compostas por interpretações caricatas e estereotipadas, tendo sua construção de personagem quase que totalmente resumida a sua deficiência.

Palavras-chave: Deficiência; Representação; Cinema;

INTRODUÇÃO

É fundamental iniciar apontando que escolhi tratar esse tema devido às vivências pessoais que tive sobre o assunto. Tenho uma irmã mais nova com deficiência intelectual e observava que muitas vezes pessoas sem informação traziam no seu imaginário o que poderiam ser consideradas ideias extremamente preconceituosas quando descobriam sobre sua deficiência.

Já em um outro momento específico, ao assistir *Quem Vai Ficar Com Mary?* (1998) com um familiar, notei a maneira ofensiva como o personagem com deficiência intelectual foi representado e isso me incomodou profundamente. Entretanto, o que mais me espantou foi que a pessoa que estava juntamente a mim não viu nenhuma problemática envolvendo o personagem, isso me fez perceber em como pessoas com deficiência intelectual, ou com qualquer outro tipo de deficiência, são mal representadas em diversos filmes e apesar de tais representações contribuírem para a construção e manutenção de ideias preconceituosas, não há tantas discussões sobre o assunto quando em comparação com outras minorias políticas.

Vale ressaltar que as análises e os filmes citados ao decorrer do trabalho serão feitas através de um viés próprio, na qual revisei obras que consumi ao longo dos anos e também por meio da disciplina Cinema e Educação da Diversidade e Diferença, ofertada opcionalmente pelo curso de Pedagogia da Faculdade Federal de Mato Grosso do Sul no ano de 2022.

Inúmeras vezes na história pôde-se ver o cinema tendo uma influência sobre o imaginário popular a respeito de determinado assunto, auxiliando para conscientizar ou disseminar uma ideia equivocada como senso comum. Santos (2012), afirma que “[...] ao abordar sobre as diferentes representações que os filmes trazem consigo, reitera a capacidade de produzirem marcações que podem vir a persistir por muito tempo, ainda mais quando são reforçadas por outras instâncias sociais” (SANTOS, 2012, p. 59).

Um exemplo é no filme “Nascimento de uma Nação” de 1915, que disseminou ideias relacionadas a Ku Klux Klan e na época influenciou para o aumento de membros dessa organização terrorista que tinha como objetivo a perseguição e assassinato de pessoas negras. Outro exemplo que o cinema auxiliou na conscientização da sociedade foi no filme *Filadélfia*, de 1993, que mostrou um advogado vivido por Tom Hanks, demitido da empresa onde trabalhava após descobrir que ele estava com AIDS. O personagem contrata um advogado para processar seus ex-empregadores, o filme levou o público até o cinema devido aos nomes conhecidos de atores como o Tom Hanks e Denzel Washington, causando um grande impacto social, o que permitiu haver um aumento nas doações para as instituições de tratamento para AIDS, à época.

O interesse por essa temática surgiu ao observar que havia debates sobre a importância da representatividade de minorias de diferentes etnias e da comunidade LGBTQIA+ que até hoje são afetados com estereótipos, sendo o cinema um forte influenciador da criação dessa imagem. Segundo os autores Pontes, Lago e Zanella (2021):

Na última década, os movimentos sociais que representam as diferentes minorias discriminadas (negros, indígenas, mulheres e LGBTQIA+1) tomaram fôlego no Brasil e vêm, por meio da internet e das mídias em geral, reivindicando direitos, visibilidade, representatividade política e um maior espaço de respeito e legitimidade em face de suas pautas diferenciadas (PONTES; LAGO; ZANELLA, 2021, p. 1).

Os mesmos também afirmam que, apesar de o cinema ter sido importante para reforçar estereótipos e diversos estigmas sociais sobre tais grupos, tem sido adotada uma linha mais progressista tentando trazer uma maior representatividade desses sujeitos (PONTES; LAGO, ZANELLA, 2021, p. 1).

Contudo, percebi que não apenas esses grupos sociais são impactados com a caricatura construída nos filmes, mas também o grupo de pessoas com deficiência, principalmente aquelas com deficiência intelectual, que eram mostradas como pessoas de intelecto extremamente limitado. Entretanto, apesar da problemática representação dessas pessoas, há poucas discussões ou tentativas de desconstrução dessa imagem, colaborando para a falta de informação e a persistência de pensamentos preconceituosos.

Observo que a falta de representatividade de pessoas com deficiência intelectual acabou por constituir ao longo dos anos uma ideia pejorativa e estereotipada quanto a esses sujeitos nos filmes que anteriormente os retratavam. Esses personagens eram sempre utilizados para fins humorísticos de gosto duvidoso ou apenas em filmes emotivos de superação, sem que houvesse espaços para serem incluídos personagens dessa natureza em outros gêneros. É importante pensar em filmes que apresentam uma boa representação de tais sujeitos, obras que desenvolvam uma construção de personagem mais complexa e multidimensional, enxergando essas pessoas para além de sua deficiência, uma vez que também por meio do cinema é possível promover a empatia ao se imaginar no lugar do personagem, reforçando a importância dessa representatividade. De acordo com Cavalcante et al (2016):

[...] há uma estreita relação entre cinema e história, entre a imagem animada e o real. É possível apreender o peso do passado e sentir uma atração pelo novo que a história evoca. [...] o cinema como um artefato cultural que se coloca como uma forma de discurso e contribui para a construção de significados sociais, ajudando a difundir um conhecimento novo e intersubjetivo. O cinema como arte é um produto capaz de formar opiniões, evocar reflexões, podendo ser usado como uma estratégia para desmistificar preconceitos e tabus. [...] a principal função da imagem no cinema é seduzir o olhar e buscar a representação, o sentido e a significação no espectador (CAVALCANTE et al, 2016, p. 2).

Sendo assim, dificilmente se vê obras cinematográficas com boas representações de pessoas com necessidades específicas¹. Enquanto na década anterior tais personagens eram

¹ Neste texto, fizemos a opção pelo uso da expressão necessidades específicas, a despeito das orientações sobre a forma adequada de chamar os indivíduos com qualquer tipo de deficiência,

utilizados para gerar um humor ofensivo, as obras mais atuais são majoritariamente compostas por filmes de drama, como podemos ver na obra Milagre da Cela 7. Uma explicação para isso pode se dar pela afirmação de Omote (2008):

[...] contrariando aparentemente a lógica dos processos naturais, nem todas as condições que limitam expressivamente o seu portador recebem a interpretação de algo especialmente desvantajoso. [...] Assim, é necessário que se levem em conta as consequências sociais que resultam da limitação ou da posse de alguma característica considerada desvantajosa; é preciso que se examine a construção social do desvio (OMOTE, 2008, p. 19).

Omote (2008) na afirmação também acrescenta que características que não sejam necessariamente desvantajosas para a vida do indivíduo, como uma aparência física fora do padrão social ou a cor da pele, podem ser socialmente vistas como desvantagem e levar o mesmo a uma situação de exclusão. Desta forma, possuir uma necessidade específica é considerado desvantajoso devido à construção social, criando uma visão de que quando se trata da história da pessoa com necessidade específica há para contar apenas sobre os obstáculos a serem superados.

Já para Sasaki (2009) a inclusão social se dá pela adaptação da sociedade para a inserção da pessoa com necessidades específicas. Em uma sociedade onde não há a inclusão social, ter alguma necessidade específica é visto como algo desvantajoso. Isso também é refletido no cinema onde os personagens com algum tipo de deficiência são “reduzidos”, com uma construção que limita os seus desafios, conquistas, vivências e relações em torno de sua necessidade específica. Nessa perspectiva, dificilmente tais pessoas seriam representadas em um filme de ação, por exemplo.

Em um contexto onde se pretende que haja uma progressiva inclusão social, a representatividade se torna cada vez mais pertinente. Hall e Woodward (2014), afirmam que “todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído (HALL; WOODWARD, 2014, p. 19).

Posto isto, o cinema nesse caso pode ser utilizado para trazer uma reflexão a respeito da exclusão social, bem como para construir ou desconstruir imagens sobre esse processo inclusivo, e por isso ainda se fazem necessárias obras atuais que representem tais pessoas em outros âmbitos,

síndromes, altas habilidades ou transtorno do espectro autista. Esse termo faz alusão à igualdade, enxergando a pessoa com deficiência como um sujeito que apenas precisa de adequações por parte da sociedade, e é um termo que tem origem na Declaração de Salamanca (1994) que usou a expressão “necessidades especiais”. Contudo, aqui se entende que a expressão por nós adotada expressa melhor a ideia da pessoa com deficiência como um sujeito que compõe a sociedade e não um grupo categorizado isoladamente, porém em alguns momentos pontuais do trabalho iremos nos referir como pessoa com deficiência ou pessoa com deficiência intelectual para não comprometer o entendimento do leitor.

que ampliem as temáticas e explorem melhor a construção de personagens com deficiência como uma forma de desmistificar certas imagens construídas.

Omote (2008) aponta como no decorrer dos milênios e com o aperfeiçoamento da vida coletiva foi se modificando a forma como se lidou com a presença de pessoas com deficiência. Se inicialmente sofriam uma exclusão extrema, em contrapartida, embora ainda não seja o modelo ideal, atualmente que se tornam progressivamente mais notórias políticas ligadas à inclusão e ao direito das pessoas com deficiência. Desta forma, esta pesquisa buscou visibilizar essa determinada minoria política, neste caso, as pessoas com deficiência intelectual.

Nesse sentido, buscamos conhecer os estudos já existentes sobre a temática e diante dos resultados optamos por abordar a representatividade das **pessoas com necessidades específicas** (decorrentes da deficiência intelectual) no cinema.

Em levantamento prévio em bases de dados como o Scielo, Periódicos CAPES e Google Acadêmico observa-se que apesar de o tema representatividade estar se tornando mais recorrente no presente ainda não abrange uma grande quantidade de trabalhos acadêmicos, mas quando se trata da minoria política das **pessoas com necessidades específicas**, a quantidade desses materiais se torna consideravelmente mais limitada, mesmo que nas pesquisas encontradas seja nítida a importância de estudar a temática e o impacto da mesma para a construção da identidade do sujeito e até mesmo sua inclusão escolar.

Em um levantamento em bases de dados como o Scielo, Periódicos CAPES e Google Acadêmico foram encontrados alguns trabalhos acadêmicos a respeito da representação das pessoas com deficiência. Ao utilizar as palavras-chaves como: “deficiência”, “representação” e “análise” na Scielo, foram encontrados 20 artigos que falavam a respeito do assunto, enquanto que, quando era usado a palavra-chave “cinema” em qualquer uma das buscas com as outras palavras o número de resultados decaíam drasticamente. Ao adicionar apenas as palavras “cinema” e “deficiência” os resultados foram de 6 artigos e ao utilizar todas as 4 palavras-chaves houve uma diminuição para 3 resultados.

Já no Periódicos Capes, ao utilizar as mesmas palavras-chaves: “deficiência”, “cinema”, “representação” e “análise”, foram encontrados 7 resultados no total. Ainda que inicialmente ao pesquisar com os termos “deficiência”, “cinema” e “representação” tenha aparentado haver mais trabalhos que abordassem o tema, já que totalizaram 11 trabalhos (quantidade significativa comparado ao Scielo), ao ler os artigos para ver seu conteúdo para filtrar de maneira mais criteriosa apresentou quantidades parecidas com o banco de dados anterior.

O banco de dados com maior quantidade de resultados foi o Google Acadêmico, na qual com as mesmas quatro palavras foram encontradas aproximadamente

42.200 resultados, sendo o lugar onde havia mais trabalhos acadêmicos com temas relacionados à representação de pessoas com deficiência no cinema ou os impactos dessas representações para a inclusão social ou escolar. Também houve trabalhos específicos sobre a

representação das pessoas com deficiência intelectual, totalizando aproximadamente 32.500 resultados ao acrescentar a palavra “deficiência intelectual” na barra de pesquisa.

Diante disso, é pertinente abordar esse tema pela necessidade de discussões a respeito da representatividade da **pessoa com deficiência** e sobre a presença delas nas obras cinematográficas. Neste trabalho nos debruçamos na análise do filme “Forrest Gump: O Contador de Histórias” (1994). A escolha desse filme se deu pelo impacto que ele promoveu na época, com base em prêmios, na bilheteria que fez no seu ano de lançamento e por ser conhecidos. Consideramos para a seleção, além desses fatores sobre a veiculação e acessibilidade ao filme, também selecionar uma obra que especificasse que se tratava de um personagem com **deficiência intelectual** e que possuía um enfoque maior na construção do mesmo, dando uma perspectiva mais positiva da vivência dessa pessoa, representando suas questões e desafios, mas também conquistas, assim como qualquer outro personagem, sem tanto enfoque no drama exacerbado ou em uma “caricatura” dos sujeitos com deficiência.

Para abordar o problema de pesquisa, este estudo teve características de uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, cujo percurso metodológico envolveu a seleção e análise de filmes que retratassem personagens com deficiência intelectual, apontando como foram representados em tais obras, cotejando com leituras sobre a temática, para ao final delimitar apenas uma obra de relevância. A pesquisa exploratória (GIL, 2002) ao contrário das demais, é realizada quando não existe um sistema de teorias de conhecimentos já desenvolvido. Nela não se trabalha com a relação ou manipulação de variáveis, mas com o levantamento da presença das variáveis e da sua caracterização quantitativa ou qualitativa (ARAUJO, 2010, p. 31).

Nesse sentido, o artigo está organizado apresentando reflexões sobre o cinema na construção de imagens e percepções sobre os sujeitos, com enfoque na representatividade de alguns grupos, entre eles as pessoas com deficiência. Na sequência apresentaremos o cinema e a representatividade de minorias pode influenciar na percepção que a sociedade tem sobre algumas minorias.

Cinema e representatividade de minorias a partir das identidades e diferenças

O cinema possui uma grande relevância cultural e histórica, sendo um dos meios pelos quais os indivíduos possuem acesso a informações. A respeito de tal pertinência Amaral e Monteiro (2016), falam que:

O audiovisual atingiu uma grande importância social, visto que é o meio pelo qual atualmente a maioria das pessoas têm acesso às informações e ao conhecimento (RIZZO JUNIOR, 2011 *apud* AMARAL; MONTEIRO, 2016).

O cinema tem um papel pertinente para a promoção da diversidade e construção da identidade dos sujeitos, sendo ele um dos principais sistemas simbólicos e que desenvolve as práticas de significação na sociedade.

Para Santos (2012), o cinema é parte de um processo histórico não possuindo uma origem fixa. Atualmente é um produto cultural que está bastante presente na vida dos sujeitos que compõem a sociedade.

Estando tão presente no cotidiano das pessoas de diferentes faixas etárias, gêneros, etnias, entre outros grupos, o cinema reproduz relações de poder, exemplos e modelos a serem seguidos e auxiliam para determinadas formas de subjetivação. De acordo com Santos (2012,

p. 42): “Não se trata de atribuir culpa ou inocência ao filme (cinema), mas de conhecer e analisar ofertas de subjetivação que ele põe em jogo, e por meio delas refletir sobre como nós mesmos nos subjetivamos” (SANTOS, 2012, p. 42).

Sendo assim, o cinema tem um papel fundamental na maneira como o sujeito se enxerga e como os outros veem esse sujeito, sendo uma importante ferramenta para a formação da identidade da pessoa com necessidade específica ou qualquer outra minoria que foi marginalizada ao longo da história. Segundo Fernandes e Denari (2017), “[...] isso significa dizer que interações, interesses e relações de poder presentes na sociedade influenciam a forma de o sujeito constituir-se como pessoa no mundo” (FERNANDES; DENARI, 2012, p. 78).

Dentro dessa subjetivação que o cinema exerce, ele se torna uma ferramenta que serve conscientemente ou não para a manutenção de específicas ideologias que são pregadas na sociedade. Marques (2011), afirma que: “A instituição da norma constitui, assim, um eficiente mecanismo de manutenção da ideologia dominante. Absolutizando atitudes e pensamentos, o controle passa a ser uma questão de estar “dentro” ou “fora” dos padrões estabelecidos como normais” (MARQUES, 2011, p. 52).

Nesse sentido que é pertinente refletir sobre a identificação com as figuras apresentadas no cinema.

O conceito de identificação tem sido retomado, nos Estudos Culturais, mais especificamente na teoria do cinema, para explicar a forte ativação de desejos inconscientes relativamente a pessoas ou imagens, fazendo com que seja possível nos vermos na imagem ou na personagem apresentada na tela (HALL; WOODWARD, 2014, p. 19).

Dentre os debates sobre a representatividade de minorias são mais recorrentes aquelas ligadas à comunidade LGBTQIA+ e sobre as diversidades étnico-raciais. É possível analisar os impactos de representações estereotipadas em filmes populares como *Bonequinha de Luxo*, de 1961 ou *Gatinhas & Gatões*, de 1984, onde se vê personagens como o proprietário japonês Sr. Yunioshi ou o estudante de intercâmbio chinês Long Duk Dong, mostrando que há alguns anos ainda era comum haver representação de personagens asiáticos de forma pejorativa e ofensiva.

Conforme Fernandes e Denari (2017), “a identidade não é formada pelo indivíduo, mas sim pelo outro, que é aquele que não aceita e não permite suas diferenças” (FERNANDES; DENARI, 2017, p. 78). Outrossim, filmes populares como *As Patricinhas de Beverly Hills*, de

1995 e *Meninas Malvadas*, de 2004, também colaboram com uma ideia estereotipada do homem homossexual como um indivíduo extremamente afeminado que serve para gerar alívio cômico e apoiar a personagem protagonista, sendo apenas um coadjuvante sem muita profundidade na história.

Há exemplos mais atuais de retratações que começaram a ganhar visibilidade, compreendendo que as mesmas devem ser refletidas e discutidas, colaborando também para o aumento de personagens de tais minorias políticas nos filmes mais recentes, como *Pantera Negra* (2018), *Para Todos os Garotos que Já Amei* (2018) e *A Mulher Rei* (2022) que mostram personagens de minorias étnico-raciais como protagonistas e/ou com essas minorias compondo quase que totalmente o elenco do filme. Além disso, filmes como *Me Chame Pelo Seu Nome* (2017), *Eu Me Importo* (2020), entre outros, apresentam como protagonistas pessoas da comunidade LGBTQIA+. Todas as obras citadas não possuem como foco principal as dificuldades presentes em pertencer a tais minorias, se tratando de filmes comerciais e demonstrando que é possível inserir personagens de diferentes grupos sociais em diversos gêneros do cinema, dessa forma consequentemente trazendo representatividade para essas pessoas.

Desta forma, na contemporaneidade, devido aos movimentos sociais e a uma maior visibilidade de minorias políticas, há também uma maior discussão a respeito da diversidade, da importância da representatividade e da quebra de estereótipos levantados ao decorrer dos anos, principalmente pelas obras cinematográficas. De acordo com Hall e Woodward (2014), o conceito de representatividade é:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossas experiências e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar (HALL; WOODWARD, 2014, p. 17).

Um filme que aborda o preconceito em torno das limitações da pessoa com necessidade específica é *Music*, um drama de 2021 que mostra uma personagem com autismo e que é constantemente apresentada como um obstáculo na vida da sua irmã mais velha. A representação neste filme traz uma atuação caricata e um roteiro problemático, mesmo que inicialmente aparente que a proposta seja que *Music* (a personagem com autismo) seja a protagonista, durante o desenvolvimento a trama tem mais foco na relação da irmã mais velha com seu vizinho. Já a personagem *Music* apenas é mencionada no roteiro para mostrar as “dificuldades que ela traz” para os demais personagens além de servir como ponte para os videoclipes presentes no filme.

Contrariamente, a obra *Fuja*, de 2020, é um suspense que explora de forma pertinente as limitações consequentes da necessidade específica da personagem que é cadeirante, mas também mostra como ela supera tais desafios de maneira inteligente e criativa. Além disso, a personagem possui diversas camadas em sua personalidade que não estão ligadas à sua deficiência e é

interpretada por uma atriz que de fato é cadeirante, trazendo representatividade e vivências pessoais para atuar como a personagem. Diferentemente de *Music* que escolheram como protagonista uma dançarina, mesmo que houvesse a possibilidade de selecionar uma atriz com algum nível de autismo, para trazer maior credibilidade para a personagem e não reproduzir determinados estereótipos presentes no filme.

Uma obra cinematográfica que teve como objetivo demonstrar a segregação de uma pessoa com deficiência intelectual e que pode ser analisado como uma ferramenta de informação para o grande público é o filme *Meu Nome é Rádio*, de 2003. Apesar de não ser especificada a deficiência do personagem, mostra a segregação que o mesmo sofre e como isso afetou os direitos daquele indivíduo como cidadão.

A partir da reflexão sobre a falta de representatividade das pessoas com necessidades específicas, é preciso pontuar com maior discussão a questão das pessoas com deficiência no caminho de uma inclusão social, muitas vezes melhor viabilizada ou prejudicada pelo que é veiculado no cinema.

Os sujeitos com deficiência, sua inclusão escolar e social diante das representações dos filmes

Para falarmos sobre o assunto tratado serão citados os autores Amaral e Monteiro (2016), que afirmam que há uma visão por parte dos docentes de que a deficiência é algo limitante, fazendo com que tais concepções impeçam que o processo de inclusão seja desenvolvido na sala. Os mesmos também citam que “essas concepções estão enraizadas não apenas na prática dos professores em sala de aula, como também refletem uma noção construída historicamente e que faz parte de todo um imaginário social [...]” (AMARAL; MONTEIRO, 2016, p. 513).

Deste modo, ainda que o texto dê enfoque na percepção dos professores, por se tratar de um mediador no ambiente de sala de aula, é inegável que essas concepções não fazem exclusivamente parte desse grupo que compõem a escola e a sociedade. Os autores também argumentam que o cinema possui uma grande influência na formação desse imaginário social, por se tratar de uma reprodução fotográfica da realidade (AMARAL; MONTEIRO, 2016).

Outrossim, a educação é algo que compõe a vida de um indivíduo, tendo ele frequentado a maior parte de sua vida o ambiente acadêmico, onde muitas das suas experiências sociais foram vivenciadas, é necessário que temas como diversidade e representatividade sejam pautas prioritárias dentro da comunidade escolar. Além dos aspectos citados acima, a configuração do sistema educacional e do contexto histórico social que é vivenciado da mesma forma influencia diretamente na organização das escolas.

Stainback e Stainback (1999) ilustram bem essa relação histórica com a organização escolar:

Na virada do século XX, o movimento da eugenia ajudou a aumentar a desumanização das pessoas com deficiência. Entre 1900 e 1930, disseminou-se generalizadamente a ideia de que as pessoas com deficiência tinham tendências criminosas e eram a mais séria ameaça à civilização, devido à composição genética. Esta percepção foi acrescentada à disposição de muitos educadores e do público em geral para permitir a segregação e outras práticas, tais como esterilização (Davies, 1930; Goddard, 1914, 1915; Gosney, 1929; Laughlin, 1926; Worthington, 1925) e encorajou o currículo escolar baseado nas necessidades ou nos níveis de habilidade do aluno e a expansão das classes especiais nas escolas públicas (STAINBACK; STAINBACK, 1999, p. 38)

Já no cinema podemos ver em algumas obras o que poderia ser considerado como reflexo dessa ideia de que pessoas com deficiência são potencialmente perigosas ou futuras criminosas. Como no filme *Nascidos para Matar*, de 1987, dirigido pelo cineasta Stanley Kubrick, nascido em 1928 e que é considerado um grande clássico do cinema. Apesar de o filme não ter uma ligação direta com o período de 1900 até 1930, mostra um personagem que aparenta ter deficiência intelectual perdendo a sanidade na base de treinamentos para Guerra do Vietnã, até por fim assassinar seu sargento e após isso se suicidar.

Personagens como esses também são vistos em diversos outros filmes e até em grandes franquias como *Halloween*, onde no filme *Halloween - O Início* (2007) os psiquiatras afirmam que o personagem do assassino Michael Myers possui a “idade mental” de uma criança de 6 anos no corpo de um adulto, dando a entender que ele teria uma deficiência intelectual.

No cinema, é muito comum a construção de personagens que possuam deficiência intelectual em que são agregados outros aspectos que estão relacionados a problemas de cunho psiquiátrico, dando a entender que sintomas característicos de psicopatologias, como psicose, psicopatia ou transtornos de personalidade sejam provenientes da deficiência intelectual ou que a pessoa com essa deficiência tem uma predisposição maior a desenvolver esses problemas psiquiátricos.

Entretanto, ao consultarmos a definição da deficiência intelectual segundo o Manual DSM-V 5, podemos ver que:

Deficiência intelectual (transtorno do desenvolvimento intelectual) é um transtorno com início no período do desenvolvimento que inclui déficits funcionais, tanto intelectuais quanto adaptativos, nos domínios conceitual, social e prático. Os três critérios a seguir devem ser preenchidos: A. Déficits em funções intelectuais como raciocínio, solução de problemas, planejamento, pensamento abstrato, juízo, aprendizagem acadêmica e aprendizagem pela experiência confirmados tanto pela avaliação clínica quanto por testes de inteligência padronizados e individualizados. B. Déficits em funções adaptativas que resultam em fracasso para atingir padrões de desenvolvimento e socioculturais em relação a independência pessoal e responsabilidade social. Sem apoio continuado, os déficits de adaptação limitam o funcionamento em uma ou mais atividades diárias, como comunicação, participação social e vida independente, e em múltiplos ambientes, como em casa, na escola, no local de trabalho e na comunidade (MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS, 2014, p. 33)

Essa classificação não traz nenhuma relação entre deficiência e comportamentos agressivos ou psicóticos. Posto isto, é visível como o cinema juntamente com outras ferramentas culturais impactaram na formação dessa ideia equivocada a respeito da Deficiência Intelectual, como forma de contribuir para a desconstrução de tais pensamentos nós como pedagogos e educadores podemos construir uma relação muito benéfica entre educação e cinema no ambiente das escolas e conseqüentemente na sociedade, visto que ambos se tratam de um meio pelo qual se pode romper com atitudes preconceituosas normalizadas pela história ou infelizmente reforçar esses ideais. Citando Stainback e Stainback (1999): “Quando as escolas são excludentes, o preconceito fica inserido na consciência de muitos alunos quando eles se tornam adultos, o que resulta em maior conflito social e uma competição desumana” (STAINBACK; STAINBACK, 1999, p. 27).

Sendo assim, seleção de obras cinematográficas nas práticas pedagógicas pode ser uma ferramenta de extrema relevância para desenvolver uma visão mais humanizada sobre as pessoas com deficiência e entre outras minorias políticas. Há também a possibilidade de utilizar filmes com retratações problemáticas para trazer discussões e debates sobre tais representações, além de poder promover uma representatividade positiva para as pessoas com necessidades específicas, desde que seja feita com um olhar sensível e com propostas bem pensadas para que haja de fato um pensamento crítico a respeito e não o reforço de estereótipos.

Elaborar essa relação dentro da sala de aula e da escola pode auxiliar na inclusão escolar, desenvolvendo por meio das obras selecionadas e das discussões uma conscientização sobre as singularidades de cada sujeito que forma a sociedade, ajudando também a aprender a adequar os espaços sociais para todos e tornando o ambiente escolar mais propício às amizades e ao acolhimento. Sobre o acolhimento como importante aspecto para o sucesso da inclusão escolar Stainback e Stainback (1999), falam que:

As turmas e as escolas bem-sucedidas tendiam a voltar o seu enfoque para fazer os alunos sentirem-se bem-vindos, seguros e aceitos, e assegurar-lhes muitos amigos entre os professores e alunos, ao mesmo tempo em que desenvolviam sentimentos de inclusão, autoestima e sucesso (STAINBACK; STAINBACK, 1999, p. 234).

É preciso entender que apesar de recente, com maior força a partir dos anos 1990, a educação inclusiva se baseia em:

O princípio básico deste modelo é que todos os alunos, independentemente de suas condições socioeconômicas, raciais, culturais ou de desenvolvimento, sejam acolhidos nas escolas regulares, as quais devem se adaptar para atender às suas necessidades, pois se constituem como os meios mais capazes para combater as atitudes discriminatórias, e, como consequência, construindo uma sociedade inclusiva e atingindo a educação para todos (UNESCO, 1994 *apud* GLAT, 2009, p. 16).

Nesse sentido, a representatividade de tais sujeitos torna-se importante com essa finalidade. As pessoas com necessidades específicas, mais especificamente as pessoas com deficiência intelectual tiveram seus estereótipos levantados por filmes dos anos 1990, onde frequentemente se tratava de personagens com uma aparência física fora do padrão de beleza e com um teor cômico ofensivo ou com toda sua construção de personagem unicamente resumida a sua deficiência, como nos filmes *Quem Vai Ficar com Marry?* (1998), *Debi e Loide: Dois Idiotas em Apuros* (1994) e *Nascidos para Matar* (1987).

Contudo, mesmo com discussões a respeito da diversidade e representatividade, ainda são poucas as representações positivas para as pessoas com deficiência intelectual no cinema.

O cinema contemporâneo poderia desconstruir as representações negativas a partir de um melhor desenvolvimento de personagem criando a representação de uma pessoa orgânica com multifaces, que possua, além de suas limitações provenientes de suas necessidades específicas, vontades, desafios, gostos, relações interpessoais, entre outros aspectos que construiria um sujeito em tela que não seja somente baseado nos estereótipos que foram impostos para este grupo social e se tornou parte do senso comum ao longo dos anos. Segundo Omote (2008):

A combinação de determinadas qualidades que as pessoas julgam como sendo uma incongruência causa especial estranheza e pode mobilizá-las a buscar meios de redução ou eliminação dessa dissonância, sentida como cognitivamente desconfortável. Assim, pode não ser bem aceita a possibilidade de uma criança deficiente mental ser bonita e esperta, uma pessoa surda ser atenta e eloquente, na sua comunicação, um cego agitado e hostil, e assim por diante (OMOTE, 2008, p. 17).

Mesmo que Omote (2008) afirme que é comum que as pessoas reduzam ou eliminem determinadas qualidades, o cinema como uma arte é um meio pelo qual o telespectador é levado à reflexão, trazendo tal desconforto como forma de questionar os paradigmas que até então eram utilizados como base para pensar a pessoa com necessidade específica.

Já ao falarmos sobre como a representação pode ser um meio pelo qual se reforça a construção da imagem de tais sujeitos com deficiência é possível basearmos em Marques (2011), onde ainda que não fale especificamente sobre o cinema podemos ver em seus textos como as representações podem ser impostas de forma que reforcem certos padrões e omitam ou subjuguem algumas identidades. Visto isto, essa subjugação pode ser transmitida até mesmo pela construção da aparência das personagens, como Santos (2012), afirma: “Outra forma de reiteração é a produção de figuras abjetas, por meio de personagens estranhos e monstruosos, funcionando como reforçamento dos padrões culturais hegemônicos” (SANTOS, 2012, p. 58).

No cinema há muitos exemplos de personagens a quem são atribuídas características físicas fora do padrão socialmente valorizado para a construção dos mesmos como vilões ou criaturas monstruosas – um ato que por si só já é problemático. Entretanto, quando se trata das pessoas com deficiência esse costume se torna mais extremo. É o caso do famoso personagem

Leatherface da saga O Massacre da Serra Elétrica (1974-2022), que além de sua aparência construída propositalmente para ser desagradável, é descrito como um homem com deficiência intelectual, assim como outros personagens do cinema contribuem para a ideia errônea de que pessoas com tal condição possuem uma predisposição à criminalidade ou à violência.

Outrossim, em um filme nacional chamado Anjos do Sol (2006), uma obra de extrema relevância que denuncia a prostituição infantil, mas que em uma parte específica utiliza de atores com deficiência física para tentar tornar a cena mais apavorante. Na cena em específico mostra as adolescentes chegando a uma vila para onde foram vendidas e para a construção da cena são mostrados vários homens, dentre eles alguns com deficiências físicas, sentados observando a chegada das meninas.

De acordo com Santos (2012):

[...] a instauração de técnicas sutis participa do modo como vamos nos constituindo; de que nos pequenos procedimentos o poder atua, ainda que nos apercebamos dele; e de como nessas pequenas técnicas ou nesses pequenos procedimentos há correspondência em relação aos mecanismos mais gerais de poder-saber em nossa sociedade (SANTOS, 2012, p. 51).

Desta maneira, ao analisar podemos perceber que essas representações mal executadas fazem com que tais pessoas fiquem estigmatizadas, contribuindo para que sejam reafirmadas certas nomenclaturas e ideias pejorativas relacionadas às pessoas com necessidades específicas e principalmente às pessoas com deficiência intelectual. Ao citar Goffman (1980), Fernandes e Denari (2017), afirmam que o estigma se trata de:

[...] um atributo considerado profundamente depreciativo pelo meio social, que conduz o indivíduo ao descrédito de forma intensa. O indivíduo estigmatizado é visto como defeituoso, fraco ou em situação de desvantagem em relação aos demais (GOFFMAN, 1980 *apud* FERNANDES; DENARI, 2017, p. 79).

Ao refletirmos sobre os estigmas que foram construídos ao longo dos anos sobre as pessoas com necessidades específicas, também é possível notar como se torna fundamental a representatividade e a representação correta desse grupo nos âmbitos artísticos, inclusive no cinema. “A representação expressa-se por meio de uma pintura, de uma fotografia, de um filme, de um texto, de uma expressão oral” (HALL; WOODWARD, 2014, p. 90). As representações são necessárias para a desconstrução dos estigmas em volta das pessoas com deficiência e para a promoção de diferentes identidades e compreensão das diferenças como algo positivo e não como fator negativo e depreciativo. Segundo Hall e Woodward (2014):

A identidade e a diferença são estritamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido. É por meio da representação que, por assim dizer, a identidade e a diferença passam a existir. Representar significa, neste caso, dizer: “essa é a identidade”, “a identidade é isso”. É também por meio da

representação que a identidade e a diferença se ligam a sistema de poder. Quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade (HALL; WOODWARD, 2014, p. 91).

As obras que trazem uma representação positiva dos sujeitos com necessidades específicas são especialmente relevantes para as crianças, visto que o imaginário social é moldado por meio das representações que se consumiu mesmo que inconscientemente durante a vida do indivíduo. Para nos fundamentarmos ao falar sobre esses quesitos podemos citar Santos (2012), onde afirma que: “o jeito de ser criança vai sendo, de alguma maneira, afetado, construído também pelos filmes e suas personagens. Os filmes ocupam lugares no imaginário das crianças [...]” (SANTOS, 2012, p. 45)

As crianças com **necessidades específicas** não possuem muitas figuras positivas que as representem como sujeitos, então além da delimitação trazida pela sociedade devido ao preconceito também há um questionamento sobre sua própria imagem.

Um olhar para obras com representação positiva

Uma obra cinematográfica interessante para uma análise é o *Simples como Amar* de 1999, que apesar de retratar todos os personagens com deficiência intelectual com uma consciência fonarticulatória comprometida, também traz discussões pertinentes como a autonomia da protagonista com deficiência intelectual, sobre o desenvolvimento da sua sexualidade, seus relacionamentos familiares e amorosos, e apesar de não ser aprofundado também fala sobre a inclusão escolar e o possível fracasso escolar devido à falta de uma adequação para esses indivíduos. Se torna um filme importante para a pessoa com necessidade específica se ver nos personagens e se compreender como sujeitos de potencialidades, além de trazer tais aspectos para o âmbito familiar dessa pessoa.

Entretanto, não será feita uma análise mais aprofundada do mesmo por não se tratar de um filme popular comparado com outras obras, faturando em sua bilheteria apenas 27,8 milhões estando atualmente disponível apenas no Youtube, posto isto foi optado por um filme com maior visibilidade.

Nesta parte do trabalho foi desenvolvida uma análise mais detalhada do filme *Forrest Gump: O Contador de Histórias* de 1994, que acreditamos ser um exemplo de como pode ser feita uma representação de um personagem com necessidade específica de maneira que trate esse grupo com uma maior relevância.

Além disso, o filme também demonstra ser pertinente socialmente devido a sua popularidade, na qual faturou em sua bilheteria mais de 678 milhões de dólares e os prêmios do Oscar que o filme levou, como por exemplo o prêmio de melhor ator conquistado por Tom Hanks. Outrossim, além da fama do ator e do público, o filme também conta com a vantagem de ser

acessível até hoje, podendo ser assistido nas plataformas de streaming como Netflix, Amazon Prime Vídeo, entre outros.

No filme é possível ver a vida de Forrest desde sua infância narrada totalmente pelo mesmo. Ele permanece contando sua história para algumas pessoas diferentes que se sentam individualmente no ponto de ônibus. Conforme uma pessoa pega o ônibus e vai embora, outrose senta e ele conta uma outra etapa de sua história. Essa dinâmica além de trazer toda a narração pela perspectiva do personagem principal e atribuindo voz ao sujeito com necessidade específica, também torna o filme mais fluído e divertido, já que ele interage com várias pessoas distintas.

O filme se inicia com ele tentando começar uma conversa com uma mulher que se senta ao seu lado folheando uma revista, ela aparenta não estar interessada em conversar, mas Forrest comenta sobre seus sapatos brancos e qual significado ele atrelou ao longo dos anos no simples ato de observar os sapatos de alguém devido ao que sua mãe lhe disse. O filme então inicia com a história da vida dele ao lembrar quais foram seus primeiros sapatos (uma ortoprótese que foi colocada em suas pernas).

Nessa cena em específico podemos sentir que Forrest possui uma dificuldade de identificar regras sociais não ditas, ou seja, ele possui uma dificuldade de abstração que no momento da interação social faz com que ele não compreenda se a pessoa está sendo sarcástica, desagradável ou alheio propositalmente por estar negando determinada interação. Tais características podem se enquadrar na Síndrome de Asperger ou no espectro do autismo devido a sua atitude alheia às condições do meio como descrito por Filho e Cunha (2010).

Entretanto, também pode ser uma atitude que caracteriza uma deficiência intelectual, na qual como descrita por Glat (2009) possuem dificuldades nas habilidades social, que são os “comportamentos considerados socialmente apropriados ou esperados para a faixa etária, tais como relacionar-se com outras de forma adequada à situação, [...]” (GLAT, 2009, p. 83) ou devido à dificuldade de abstração presente nessa deficiência, também citado por Glat, pode dificultar identificar as linguagens não verbais que são manifestados nos comportamentos dos outros indivíduos.

Há muitas discussões que envolvem o diagnóstico deste personagem, principalmente devido os filmes mais antigos quase nunca especificarem em seus filmes e sinopses qual a deficiência da pessoa representada, diferentemente de algumas obras mais atuais que trazem já essa descrição pois tem como objetivo a representatividade desse grupo em específico.

No texto de Suplino (2010), ela faz também a análise do mesmo filme, defende-se que o personagem de Forrest tem deficiência intelectual também pela cena na qual o diretor da escola fala sobre o QI de Forrest e afirma que ele possui 75 de QI que de acordo com Glat (2009), o uso de testes de inteligência foi um critério utilizado por muitos anos para a avaliação da deficiência

intelectual. Ao basear no teste de Stanford Binet², Forrest possuiria uma deficiência intelectual leve ou atualmente chamada deficiência intelectual com nível I de suporte.

Ainda que seja incerta a sua deficiência havendo diversas possibilidades sobre, o aspecto mais importante a ser analisado é que na época ele foi representado como alguém com alguma deficiência ligada a seu desenvolvimento cognitivo e socioafetivo, sendo construídas ideias sobre o personagem e sobre as pessoas com necessidades específicas iguais à dele. Em um texto Suplino (2010), ao citar Goffman e Carvalho e Maciel afirma que:

Goffman (1891) aponta que num primeiro contato com um estranho, toda pessoa busca no imaginário social categorizá-lo e assim compreendê-lo. Conhecer sua identidade social. A partir desta identidade, estabelecem-se algumas concepções que sustentarão expectativas de interação. No entanto, o autor também pondera que a identidade social alocada no imaginário social pode não passar de uma identidade social virtual, ou seja, uma lista de atributos que não tem relação com atributos que o sujeito prova mais tarde possuir: sua identidade social real. Na perspectiva da deficiência intelectual, as discrepâncias comunicação e inclusão social: análise das contribuições do cinema para o processo de inclusão social entre identidade social virtual e identidade social real erguem barreiras que como destacado por Carvalho e Maciel (2003) possivelmente são base para a manutenção de preconceito e atitudes discriminatórias que seguem as sociedades modernas visto que, como apontado pelas autoras, a deficiência intelectual figurou por séculos como demência e comprometimento permanente da racionalidade e controle comportamental (GOFFMAN, 1891, CARVALHO; MACIEL, 2003 apud SUPLINO, 2010, p. 61-62).

Sendo assim, independente de qual necessidade específica Forrest tenha é inegável que sua representação impacte a maneira como todo um grupo é visto socialmente.

Além disso, a cena da sua matrícula na escola se torna pertinente pois ele é recusado primeiramente na escola pública, na qual é dito que na época não se aceitavam alunos com o QI abaixo de 80. Isso mostra também sobre a segregação das pessoas com necessidades específicas na época, visto que o princípio de normalização (que tem como base a ideia de que toda pessoa com necessidade específica teria o direito de aderir ao mesmo estilo de vida dos outros de sua cultura) só foi ter sua origem em 1969, primeiramente nos países escandinavos, onde de acordo com a cronologia do filme Forrest já estaria na idade adulta nessa época. Segundo Mendes (2006): “O princípio da normalização teve sua origem nos países escandinavos, com Bank-Mikkelsen (1969) e Nirje (1969), que questionaram o abuso das instituições residenciais e das

² O teste Stanford Binet se trata de um teste padronizado que calcula o coeficiente de inteligência (QI), comparando idade mental e cronológica para avaliar se um indivíduo tem deficiência intelectual. De acordo com o teste pessoas com o QI entre 68 e 52 é classificado como deficiência intelectual leve, entre 51-36 como moderada, entre 35-20 sendo severa e abaixo de 20 profunda.

limitações que esse tipo de serviço sobrepunha em termos de estilo de vida” (MENDES, 2006, p. 389).

A mãe de Forrest parece bastante consciente a respeito da situação que se encontra e se recusa a colocar seu filho em uma escola especial afirmando que ela quer que ele tenha as mesmas oportunidades e que não quer que ele vá para a escola especial para ser treinado: “Não irá para uma escola especial aprender a recauchutar pneus!”

Logo após Forrest conseguir entrar para a escola regular, no caminho para seu primeiro dia de aula no ônibus escolar conhece Jenny, então Forrest faz a afirmação “Ninguém falava comigo ou me fazia perguntas, além da mamãe”. Jenny seguidamente pergunta se ele é “idiota” e Forrest responde que sua mãe diz que quem é “idiota” é quem faz “idiotice”. Após essa interação que apresenta uma ideia discriminatória reproduzida por Jenny para logo ser desmistificada por Forrest, mostra como a interação com seus pares da escola pode beneficiar tanto a pessoa com necessidade específica quanto a pessoa sem deficiência.

Stainback e Stainback (1999), afirmam que:

Nas palavras de Vandercook, Fleetham, Sinclair e Tetlie (1988), “nas salas de aula integradas, todas as crianças enriquecem-se por terem a oportunidade de aprender uma com as outras, desenvolvem-se para cuidar umas das outras e conquistam a inclusão de todos os cidadãos” (p. 19). Entretanto, a simples inclusão de alunos com deficiência em salas de aula do ensino regular não resulta em benefícios de aprendizagem (p. ex, Marston, 1987 - 1988) (STAINBACK; STAINBACK, 1999, p. 22).

De fato, a ineficácia da inclusão naquela realidade se demonstra pela maneira como as outras crianças tratam Forrest, porém ao analisarmos que apenas com a integração de uma criança com necessidade específica no ciclo social de outra criança é possível modificar uma afirmação preconceituosa, é um aspecto que pode apresentar minimamente os benefícios de uma educação para todos.

Logo, Forrest conta sobre o dia em que foi intimado por seus colegas e Jenny grita a icônica frase “Corra, Forrest, corra!” Que faz com que Forrest comece a correr tão rapidamente que sua ortoprótese das pernas (chamadas ingenuamente por ele de seus primeiros sapatos) se soltam e ele se descobre um grande corredor. Essa frase é memorizada por Forrest e ele passa a utilizá-la em toda as etapas de sua vida.

Tal cena demonstram suas potencialidades sendo desenvolvidas pelo personagem por meio de suas experiências, mesmo que no filme não seja apresentado muito sobre sua vida acadêmica e sobre seus obstáculos, ele é promissor em mostrar suas conquistas e suas potencialidades que está além de sua necessidade específica e o compõe como sujeito. Outrossim, essas cenas também servem para a construção do personagem, onde posteriormente utiliza dessa sua habilidade motora em variados momentos de sua história.

Ao se tornar adolescente Forrest é notado por sua habilidade de corrida, ainda que essa descoberta tenha vindo em meio a vários atos de discriminação e preconceito cometido por seus colegas, que perseguem o protagonista, e pelo avaliador presente no campo de futebol americano, que chama o rapaz de “o idiota da cidade”. Forrest chama a atenção do treinador que possibilita que o mesmo fosse para a universidade como atleta de futebol americano.

Tais cenas ligadas ao desenvolvimento da sua habilidade de corrida podem ser pertinentes para enxergar a pessoa com necessidade específica e os alunos e crianças em sua totalidade como sujeitos complexos com potencialidades a serem trabalhadas além daquelas ligadas ao rendimento acadêmico. Segundo Stainback e Stainback (1999):

Embora os objetivos educacionais básicos para todos os alunos possam continuar sendo os mesmos, os objetivos específicos da aprendizagem curricular podem precisar ser individualizados para serem adequados às necessidades, às habilidades, aos interesses e às competências singulares de cada aluno (STAINBACK; STAINBACK, 1999, p. 241).

Esse pensamento de trabalhar as potencialidades pode ser benéfico para a compreensão de o projeto político pedagógico não é uma ferramenta para definir se determinado aluno fracassou ou foi bem-sucedido academicamente, fazendo também com que o mesmo se sinta incluído e se sinta mais incentivado pois “não fazer nada ou realizar atividades isoladas, tediosas ou frustrantes pode levar qualquer aluno a não gostar do ambiente, ao rompimento e à rejeição inicial por parte dos colegas e dos professores” (STAINBACK; STAINBACK, 1999, p. 235).

Posto isso, mesmo que não tenha sido em um ambiente inclusivo, sua conquista pessoal faz com que o personagem se sinta orgulhoso, dizendo que foi possível participar do time de futebol americano e ido para uma universidade.

Forrest apesar de não falar sobre como eram os estudos comenta como a universidade foi complicada, pois houve um acontecimento histórico na qual pela primeira vez pessoas negras entrariam em uma universidade para pessoas brancas, sendo na época um grande passo para a luta contra a segregação racial. Nessa cena Forrest não compreende direito a importância do evento e nem o motivo pelo qual uma pessoa fala uma expressão racista, mas podemos ver ele participando ativamente do momento e contribuindo para esse marco histórico.

Desta forma, ao adequarmos a nossa realidade podemos ver na Lei Brasileira **Nº 13.146** no Art. 4º parágrafo 1º:

Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha como propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoas com deficiência, incluindo a recusa da adaptação razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas (BRASIL, 2015, p. 3).

No Brasil, ainda que a pessoa com necessidade específica possa vir a ter uma interpretação diferente das demais pessoas sobre as discussões políticas, históricas e sociais, omitir tais fatos ou negar a elas o exercício de sua cidadania está ferindo seus direitos. Já no filme norte-americano ainda que aparentemente não tenha o intuito de transmitir essa mensagem é clara a forma como Forrest pode participar do momento histórico que ele está inserido e das discussões presentes nele.

Para mais, Forrest, além de participar dos eventos, contribui com os mesmos. Por meio do time de futebol americano vai até a Casa Branca e conhece o presidente dos Estados Unidos. Bem mais tarde no filme mostra ele auxiliando na criação de várias invenções, mesmo que não intencionalmente, como uma frase clássica para para-choque de carros e o desenho clássico da marca Smiley Company.

Posteriormente ele se forma e vai para o exército, onde demonstra extrema aptidão devido à organização simples do local. O próprio Forrest afirma que estar no exército é simples já que só precisa seguir ordens claras e diretas.

Concomitantemente a todos os acontecimentos também vemos a relação dele com Jennyse desenvolver, na qual ele começa a nutrir um sentimento amoroso por ela, mas a mesma afirma que não consegue se relacionar com ele.

Apesar da sexualidade ser um aspecto que integra a formação do indivíduo, durante o filme não se dá muito foco na a sexualidade de Forrest, se fazendo presente apenas quando se trata da personagem da Jenny. O mesmo só vai interagir sexualmente de fatona idade adulta, mas isso também é pouco explorado. Segundo Suplino (2010): “[...] Quanto à identidade sexual, aparecem como sujeitos cientes do seu gênero, contudo tendo poucas oportunidades de vivenciar socialmente esse papel quando adolescentes” (SUPLINO, 2010, p. 66)

Ainda que o filme tenha perdido a oportunidade de aprofundar melhor a sexualidade do protagonista ele acerta ao não mostrar o mesmo como um sujeito assexuado. Ele é um indivíduo que possui desejos e vontades, podendo aceitar ou não interagir sexualmente com alguém.

O protagonista então vai até o Vietnã onde conhece dois personagens relevantes para trama, Bubba e o tenente Dan. Durante a guerra em um ataque Forrest consegue salvar vários soldados, carregando eles até um lugar seguro, mas Bubba acaba falecendo e o tenente Dan perde suas pernas.

Posteriormente ao voltar para os Estados Unidos Forrest tem muitos feitos, aparecendo na televisão inúmeras vezes, recebendo uma medalha de honra e enriquecendo juntamente como tenente Dan ao realizar o sonho de Bubba em comprar um barco de pescar camarões.

É interessante analisar que o filme traz o personagem de Forrest como alguém independente, diferentemente de muitos filmes que retratam pessoas com necessidades específicas, onde focam principalmente na sua relação familiar, devido o personagem não conseguir ter sua autonomia. Forrest por outro lado mostra que mesmo com suas dificuldades

uma pessoa com necessidade específica pode vir a ter uma vida autônoma, no caso dele até conquistando o sucesso financeiro.

Outrossim, um filme que também mostra o desenvolvimento da autonomia de uma personagem com deficiência intelectual é *Simple como Amar* de 1999, na qual se mostra a transição da protagonista que começa a ter uma vida mais independente e até a morar sozinha com o auxílio da família, tratando também as pessoas com necessidades específicas como alguém que pode aprender a lidar com suas limitações. Quanto a essa ideia de que pessoas com deficiência intelectual podem superar suas limitações conforme recebem apoios, diferentemente dos sistemas de apoio e de classificação das pessoas com Deficiência Intelectual que limitam as potencialidades dos sujeitos conforme sua necessidades específica, Glat (2009), afirma que:

Talvez o aspecto mais importante deste sistema seja que ele reforça a ideia de que a deficiência intelectual não é uma condição estática e permanente. Muito pelo contrário, independente das características inatas do indivíduo, pode ser mais ou menos acentuada conforme os apoios ou suportes recebidos em seu ambiente (GLAT, 2009, p. 84).

Posto isto, é relevante que existam obras que apresentem que há a possibilidade de que as pessoas com necessidades específicas possam ter uma vida independente, ou que mostrem que mesmo que elas de fato não morem sozinhas elas possuem um nível de autonomia que se deve incentivar isso.

Outro aspecto bastante abordado no filme é a relação do Forrest com Jenny, algo que começa com uma amizade bem construída durante a infância de ambos e que ao entrar na idade adulta Forrest começa a se interessar amorosamente por Jenny ainda que a mesma diga que não consegue se relacionar com ele e eles se distanciem por tomarem caminhos diferentes.

Todavia, quando Forrest está sozinho em sua casa após sua mãe falecer e já ter se realizado como indivíduo, Jenny aparece e fica um período juntamente com ele. Nessas cenas pode-se ver melhor a dinâmica do relacionamento dos dois e também um pouco mais sobre a perspectiva da personagem Jenny. Após isso, Forrest pede Jenny em casamento e mesmo que a mesma acabe recusando, isso resulta em um encontro amoroso dos dois.

Para Suplino (2010), ao analisar a relação de Forrest com Jenny afirma que: “[...] Contudo, quando tentam relacionamento com normais, as coisas ficam mais difíceis, se não impossíveis, uma vez que a companheira de Sam vai embora e a de Forrest só lhe oferece oportunidade de ser “marido” quando a morte está próxima” (SUPLINO, 2010, p. 67).

Apesar da observação de Suplino (2010), ao analisar melhor esse momento do filme, pode-se fazer uma interpretação diferente. Na cena na qual Jenny chega até sua casa de infância e começa a atirar pedras enfurecidamente para logo após cair em choro, demonstra como a personagem possui traumas do passado que afetam sua saúde psíquica e a acompanham na sua vida adulta. Desta forma, ao recusar o pedido de casamento do protagonista aparenta mais que a

personagem está com uma autoestima tão fragilizada a ponto de achar que não merece o amor de uma pessoa como Forrest.

Resulta em um envolvimento amoroso na qual ela afirma que ama Forrest e na cena do dia seguinte mostra a mesma indo embora de táxi. O taxista ao perguntar para onde ela estava fugindo ela afirma que não está fugindo, apresentando que ela abandonou Forrest não por estar desconfortável naquele lugar, mas por achar que seria melhor para Forrest não a ter perto.

Deste modo, as cenas que envolvem a Jenny podem ser interpretadas de diversas maneiras, representando a complexidade de um relacionamento.

Após alguns anos Forrest recebe uma carta de Jenny e é apresentado ao telespectador o motivo pelo qual ele está naquele ponto de ônibus esperando pelo número 9 para chegar até o endereço da Jenny. Sendo assim, Forrest se despede da senhora que estava escutando sua história e vai até o apartamento de Jenny, descobrindo que tem um filho com a mesma.

Forrest então se casa com Jenny ao descobrir que a mesma está com uma doença terminal, na cena do casamento podemos ver os inúmeros amigos que ele fez ao longo de sua vida comparecendo ao seu casamento. De acordo com Stainback e Stainback (1999), “[...]entre os principais objetivos educacionais que permitem aos alunos serem membros ativos das suas comunidades estão a socialização e as amizades ” (STAINBACK; STAINBACK, 1999, p.234). Mesmo que as amizades contribuídas por Forrest não tenham origem no âmbito escolar pela visível falta de inclusão daquela época e por não terem como foco a vida escolar do personagem no filme, a sua socialização com os demais contribui para uma participação ativa socialmente.

Posteriormente, Jenny falece e é possível ver a relação do Forrest com seu filho (também chamado Forrest em sua homenagem) e percebemos como o protagonista teve inúmeras vivências e que sua necessidade específica ainda que tenha dificultado em alguns aspectos devido a falta de informação da época não impactou negativamente seu desenvolvimento como sujeito, por fim até constituindo uma família. Ao refletirmos sobre isso e trazermos a nossa realidade podemos lembrar que conforme a Lei Brasileira Nº 13.146, de 6 de Julho de 2015 Art. 6º:

- A deficiência não afeta a plena capacidade civil da pessoa, inclusive para:
- I - casar-se e constituir união estável;
 - II - exercer direitos sexuais e reprodutivos;
 - III - exercer o direito de decidir sobre o número de filhos e de ter acesso a informações adequadas sobre reprodução e planejamento familiar;
 - IV - conservar sua fertilidade, sendo vedada a esterilização compulsória;
 - V - exercer o direito à família e à convivência familiar e comunitária;
 - e
 - VI - exercer o direito à guarda, à tutela, à curatela e à adoção, como adotante ou adotando, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas (BRASIL, 2015, p. 3).

Por conseguinte, a obra *Forrest Gump: O Contador de Histórias* demonstra o personagem com deficiência intelectual em todos os aspectos de sua vida. Ele não é somente uma pessoa com necessidade específica que precisa ultrapassar os obstáculos impostos por sua deficiência, ele é um sujeito que tem suas relações familiares, de amizades e amorosas, convivendo com os demais e impactando e sendo impactado por tais indivíduos.

Além disso, ele é uma pessoa que possui seus gostos, aptidões, dificuldades e vontades, mas também tem vivências referentes ao trabalho, seus sonhos, momentos de solidão e realização. É um sujeito complexo e cheio de camadas assim como qualquer outro personagem bem desenvolvido.

Considerações finais

O presente trabalho teve como objetivo desenvolver uma discussão sobre a representação das pessoas com necessidades específicas no cinema. Foram assistidos variados filmes com personagens com deficiência e chegou-se à conclusão de que há poucas representações positivas, sendo elas em sua maioria mal construídas, com personagens rasos, acompanhados de atuações caricatas ou limitações no roteiro que não se preocupa em mostrar tais pessoas para além de sua necessidade específica.

Outrossim, prosseguimos com um debate de como as representações são importantes para a formação da identidade e a aceitação das diferenças, moldando o imaginário social e a maneira como a pessoa com necessidade específica se enxerga conforme as imagens que são transmitidas por meio do cinema (dos filmes) que na sociedade atual é um produto cultural.

Refletimos sobre como as representações negativas e a falta de representatividade impactam a educação inclusiva, uma vez que professores e colegas influenciados pelos estereótipos que consumiram ao longo dos anos pode de alguma forma dificultar o processo de inclusão dentro da sala de aula. Além disso, a própria percepção da criança com deficiência sobre ela mesma é afetada, visto que não há representações positivas delas como sujeitos.

Igualmente, no último item com a elaboração de uma análise mais aprofundada sobre o filme *Forrest Gump: O Contador de Histórias* pôde-se compreendê-lo como um exemplo positivo de uma representação da pessoa com necessidade específica. O personagem é composto por diversas camadas que compõe sua personalidade e demonstra por vezes algumas atitudes emotivas e impulsivas; se trata de um personagem complexo que pode ter atitudes inesperadas assim como um indivíduo real. Apresentado de forma orgânica e sendo abordado diversos aspectos da vida de Forrest, suas relações familiares, amorosas e de amizades. Ademais, o mesmo ainda foi capaz de realizar muitos feitos, como trabalhar em diversas áreas, enriquecer e constituir família.

Posto isso, o personagem Forrest se trata de uma representação positiva que demonstra como apesar de suas dificuldades as pessoas com necessidades específicas podem ter uma vida

funcional, com sua independência e autonomia. Se distancia das imagens até então criadas por meio de filmes.

Referências

AMARAL, Mateus Henrique do e MONTEIRO, Maria Inês Bacellar. **Análise de Obras Cinematográficas para Compreender as Concepções de Professores sobre o Aluno com Deficiência.** 1 Apoio Financeiro: FAPESP, processo n. 2013/08991-6. Bolsa PIBIC/CNPq, processo CONSEPE n. 3314. Revista Brasileira de Educação Especial [online]. 2016, v. 22, n. 4. Acesso em: 15 de Julho de 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/pCD4CGyLfQZVTjRtTqpb4xF/?lang=pt#>

ARAUJO, Carla Busato Zandavalli Maluf de. **A Pesquisa Educacional no Brasil.** In: ARAUJO, Carla Busato Zandavalli Maluf de. Campo Grande, MS: UFMS, 2010. p. 31.

BRASIL, Lei Nº 13.146, **Lei Brasileira da Inclusão da Pessoa com Deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência), 2015, Brasília.

CAVALCANTE, Fátima Gonçalves et al. **Impactos de um Documentário sobre o Cotidiano de Mães e Filhos com Deficiência: Uma Análise de Cinedebates.** Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2016, v. 21, n. 10. p. 2. Acesso em: 15 de Julho de 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/SQCMQDrcRzQTbHrJ4MRVWyP/?lang=pt#>

FERNANDES, Ana Paula Cunha dos Santos; DENARI, Fatima Elisabeth. **Pessoa com Deficiência: Estigma e Identidade.** Ed. e Contemp., Rev. FAEEBA, Salvador, v. 26, ed. 50, p. 77-89, 2017. Acesso em: 10 ago. 2022. Disponível em: https://rnp-primo.hosted.exlibrisgroup.com/permalink/f/vsvpiv/TN_cdi_proquest_journals_2187966156

FILHO, José Ferreira Belisário; CUNHA, Patrícia. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: Transtornos Globais do Desenvolvimento.** Coleção A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar, Universidade Federal do Ceará, 2010, v. 9, ISBN 978-85-60331-38-3, p. 7-40.

GLAT, Rosana. **Educação Inclusiva: Cultura e Cotidiano Escolar.** 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. ISBN 978-85-7577-775-6.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais.** 15. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014. ISBN 978-85-326-2413-0.

MARQUES, Carlos Alberto. **Indivíduo e Massa: Uma Cilada no Discurso da Identidade.** In: MANTOAN, Maria Teresa Eglér (org.). O Desafio das Diferenças nas Escolas. 4. ed. [S. l.]: Editora Vozes, 2011 p. 51-55.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. [Recurso eletrônico] DSM-5/American Psychiatric Association. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento, et al.;

Revisãotécnica: Aristides Volpato Cordioli, et al. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed,2014.

MENDES, Enicéia Gonçalves. **A Radicalização do Debate sobre Inclusão Escolar no Brasil.** Revista Brasileira de Educação. v. 11, n. 33, 2006. p. 389.

OMOTE, Sadao. Diversidade, Educação e Sociedade Inclusiva. In: OLIVEIRA, Anna Augusta Sampaio de; OMOTE, Sadao; GIROTO, Claudia Regina Mosca. **Inclusão Escolar: As Contribuições da Educação Especial.** [S. l.]: Cultura Acadêmica, 2008. cap. 1, p. 16-32.

PONTES, Carlos Frederico Bustamante; LAGO, Mara Coelho de Souza; ZANELLA, Andréa Vieira. **Estudos sobre Cinema LGBTQIA+ no Brasil e Países Latino-Americanos.** Revista Estudos Feministas [online]. 2021, v. 29, n. 3. p. 1. Acesso em: 15 de Julho de 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/VPXTnVNvnRmfVfv6CnbQ7JG/?lang=pt#>

SANTOS, Myrna Wolff Brachmann dos. **Um ogro humanizado: sexualidade e normalizaçãonos processos de subjetivação da personagem Shrek.** 2012. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS, 2012. p. 40-65. (Orientador: Antônio Carlos do Nascimento Osório).

STAINBACK, Susan; STAINBACK, William. **Inclusão: Um guia para educadores.** Porto Alegre: Artmed, 1999. 451 p. ISBN 978-85-7307-582-3.

SUPLINO, Isabella de Oliveira. **Comunicação e inclusão social: análise das contribuições do cinema para o processo de inclusão social.** Contemporânea, 2010. [s. l.], v. 8, n. 3, ed. 16,p. 65-70.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação.** Revista Nacional de Reabilitação (Reação), São Paulo, Ano XII, mar/abr. 2009,p. 10-16.